

## **Estilo da orientação cultural e condutas desviantes: um estudo correlacional em jovens paraibanos**

### ***Style of cultural orientation and deviant conducts: A correlational study in young people from paraíba***

Nilton S. Formiga<sup>1</sup>  
Hilândia Morais Mota<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Neste trabalho pretende-se compreender a influência das síndromes culturais nas condutas desviantes. As explicações sobre essas condutas em jovens têm apresentado variáveis sociais, psicológicas e psicossociais como respostas. As síndromes culturais consideradas como o compartilhamento de atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, que orientam as pessoas a determinado tipo de comportamento, como: ser único e orientado ao êxito, ser cooperativo e ser servidor, expressivo, amigável e familiar e batalhador, busca sua sobrevivência é mais uma variável que contribui para o quebra-cabeça na explicação das condutas juvenis. 710 jovens entre 14 a 21 anos responderam os atributos de individualismo e coletivismo e condutas anti-sociais e delitivas. Observou-se uma relação negativa entre as orientações coletivistas com as condutas desviantes; e positivamente, com as orientações individualistas. Refletir na orientação cultural assumida pelos jovens na dinâmica social contribui no reconhecimento de condutas culturais apropriadas capazes de inibir a delinquência juvenil.

**Palavras-chave:** Orientação cultural. Condutas desviantes. Jovens.

#### **ABSTRACT**

This work aims to understand the influence of cultural syndromes in deviant conducts. The explanations about these conducts in young people have shown social, psychological and psychosocial variables as responses. The cultural syndromes considered as a sharing of attitudes, beliefs, norms, social roles and definitions of I, that guide people to certain types of behavior, as: be unique and driven to succeed, be cooperative and be server, expressive, friendly and familiar and worker, and search their survival is more one variable that contributes to the puzzle in explaining the juveniles conduct. 710 young people, between 14 and 20 years old, answered about the attributes of individualism and collectivism and anti-social and criminal conducts. There was a

---

<sup>1</sup> Mestre em psicologia social pela Universidade Federal da Paraíba; atualmente é doutorando na mesma universidade. Endereço para correspondência: Rua Juiz Ovídio Gouveia, 185. Pedro Gondim. CEP.: 58031-030. João Pessoa - PB. [nsformiga@yahoo.com](mailto:nsformiga@yahoo.com)

<sup>2</sup> Aluna do curso de Mestrado em Ciências da Educação nas Faculdades Integradas de Patos – FIP, que colaborou com o presente estudo. [hilandia@hotmail.com](mailto:hilandia@hotmail.com)

negative relation between collectives' guidelines with deviant conducts, and positively with individualistic guidelines. Reflect about cultural orientation taken by young people in social dynamics, helps in the recognition of appropriate cultural conducts able to inhibit juvenile delinquency.

**Key-words:** Style of cultural. Deviant conduct. Young people.

## 1 INTRODUÇÃO

As explicações sobre os comportamentos que permeiam a delinquência variam a partir da perspectiva sócio-demográfica, diferenças individuais, sociais as psicossociais. Esse fato se torna mais complexo quando se pretende compreender os motivos que levam os jovens que, teoricamente, não se encontram em instituições sócio-educativas do Estado devido a um ato criminoso. Especialistas das áreas sociais e humanas nos últimos anos ainda se interessam pelas discussões em relação à variação do comportamento violento (por exemplo, condutas anti-sociais e delitivas, uso potencial de drogas, comportamento agressivo etc.) e as variáveis que expliquem o aumento desse fenômeno entre os jovens.

Estas condutas, geralmente, causadoras de danos leves ou graves, tangenciadoras das normas sociais e humanas, podem conduzir desde a formação de *gangs*, a jogos de diversão violentos, balbúrdias em festas, vandalismo ao alto consumo de álcool e drogas ilícitas. (FORMIGA; GOUVEIA, 2005). É possível que, na Psicologia, esse fato explicado pela estrutura ou traços de personalidade não seja suficiente, ou poder-se-ia afirmar, seja incompleto na organização de um quebra-cabeça da conduta delinvente entre os jovens, exigindo com isso, novas direções explicativas para esse problema social tão grave. (ROMERO; SOBRAL; LUENGO; MARZOA, 2001; GATTAZ, 1998; VERMEIREN; DE CLIPPELE; DEBOUTTE, 2000).

Observando o cotidiano mais de um fator é destacado quanto à saliência do problema da delinquência não ser apenas uma manifestação dos jovens de classe baixa, com baixo nível educacional, negros, etc., tornando-lhes os únicos responsáveis pelas condutas que tangenciam as normas sociais. Mas então, quais seriam as justificativas que mereceriam atenção para os comportamentos dos adolescentes da

classe média e alta que passaram a ter destaque na mídia em geral nos últimos dez anos? Poder-se-ia destacar diversos eventos criminosos destes jovens, por exemplo: os atos de vandalismo de jovens de classe média com um Índio Pataxó, queimando-o quando dormia em um ponto de ônibus em Brasília, a chacina no cinema em um *shopping* de São Paulo por um rapaz de classe média e alta, estudante de Medicina e outros acontecimentos semelhantes (FORMIGA; GOUVEIA, 2005). Esses fatos apontam em direção de que para esta situação, atualmente, não é possível atribuir apenas a um grupo de jovens em função de indicadores de pobreza-riqueza (AGUERO, 1998), personalidade ou orientação familiar e educacional. (FORMIGA, 2004; TORRENTE; RODRÍGUEZ, 2000).

Muito menos é possível justificar que atos desse tipo têm uma estreita relação com exclusão social ou falta de oportunidades quanto à manutenção de bem-estar material e social (BENGOA, 1996), já que estes jovens parecem estar nutridos social e economicamente quanto à condição material e social. Frente a um problema grave como esse, propõem-se uma nova reflexão no que diz respeito ao aumento dessas condutas que caracterizam a violência juvenil na época atual: com as mudanças culturais que vem ocorrendo nos países ocidentais, os quais apreendem um espírito individualista, subordinando os interesses e prioridades pessoais ao invés daqueles do grupo (LIPOVETSKY, 1986), os jovens que procuram, excessivamente, a obtenção de prestígio, quando na falta de recursos econômicos ou mesmo de apoio social, na maioria das vezes procuram alcançá-los através das condutas que convergem a quebra de normas sociais a fim de atender apenas aos seus prazeres e satisfação (FORMIGA, 2002). Sendo assim, os comportamentos de risco parecem ser legitimados nas relações interpessoais, por exemplo, a busca de novas experiências, de prazer e emoção, saída da monotonia etc., convergindo para os comportamentos desviantes. (DONOHEW et al., 1999; FORMIGA, 2002; FORMIGA; YEPES; ALVES, 2005; GULLONE; MOORE, 2000).

Ao considerar que um jovem apresenta um comportamento violento, poder-se-ia incluir uma grande quantidade de variáveis que caracterizam a violência; afinal, esse problema não poderá somente ser compreendido a partir de uma leitura causal

generalizada, tendo o todo – a violência - maior do que as partes – comportamento agressivo, conduta desviante, uso de drogas, etc., é preciso identificar construtos que compõem esse fenômeno apontando para uma relação convergente de seus componentes (por exemplo, comportamento agressivo, uso de drogas, condutas anti-sociais e delitivas, etc.).

Obviamente, não se tem aqui como objetivo principal deste estudo captar a realidade a partir de um único prisma e mesmo considerando a imprecisão dos contornos semânticos e ações ditas violentas na dinâmica social ao se explicar tal problema, bem como, caracterizar um sujeito violento (ELZO, 1999; MINAYO et al., 1999; PINO, 2007; URRÁ, 2003); pretende-se assim, concentrar-se em um dos componentes da violência, por exemplo, *a condutas anti-social e delitiva*.

No presente estudo, quando se enfatiza as condutas anti-sociais e delitivas em jovens, faz-se referência ao seu comportamento transgressor, salientado não somente pobres, negros, etc. Este é um fenômeno que não tem cara específica, mas condutas de risco bastante evidentes, as quais podem ser dimensionadas como conduta anti-social e delitiva. Segundo Formiga e Gouveia (2003; FORMIGA, 2002), uma conduta *anti-social* se refere à não conscientização das normas que devem ser respeitadas, desde a norma de limpeza das ruas ao respeito com os colegas no que se refere as certas brincadeiras; sabe-se de sua existência, mas não praticadas por alguns jovens. Neste sentido, este tipo de conduta caracteriza-se pelo fato de incomodarem, mas sem que causem necessariamente danos físicos as outras pessoas; elas dizem respeito apenas às travessuras dos jovens ou simplesmente à busca de romper com algumas leis sociais.

Para Formiga e Gouveia (2005; FORMIGA, 2002), no que diz respeito a conduta *delitiva*, podem ser concebidas como merecedoras de punição, capazes de causar danos graves, morais e/ou físicos. Portanto, tais condutas podem ser consideradas mais severas que as anteriores, representando uma ameaça eminente à ordem social vigente. O que essas condutas têm em comum é que ambas interferem nos direitos e deveres das pessoas, ameaçando o seu bem-estar, bem como, diferenciando-as em função da gravidade das consequências oriundas. Possivelmente todo jovem pratica ou

já praticou algum tipo de conduta anti-social, o que faz parte do repertório deles, salientando como um desafio dos padrões tradicionais da sociedade, pondo em evidência as normas da geração dos seus pais. Mas, quando elas não inibidas, sejam através de uma prática parental responsiva ou exigente, existe grande possibilidade de que se converta numa conduta delitiva.

Atualmente, o problema em destaque – a conduta desviante em jovens – tem se encontrado na seguinte forma: muitos são os jovens que têm apresentado comportamentos associais, os quais vêm exigindo desde a orientação escolar ao tratamento clínico, da reorganização cognitiva ao treinamento de habilidades sociais e emocionais (BORN, 1999). A questão principal, pelo menos desde a ótica das intervenções sociais, é que estes não são delinquentes, porém passam perto, mas muito perto mesmo, desse fenômeno. Afinal, é impossível não considerar, no que diz respeito a um problema deste porte, a proximidade relacional entre sociedade, jovem e conflitos, pois o desenvolvimento destes pilares organiza-se, respectivamente, os fatores sociais e emocionais capazes de permitir a ligação do jovem às condutas de risco ou proteção, a partir do contexto em que estão inseridos e sua relação com os pares sociais na construção do comportamento socialmente desejável. (LUMMERTZ, 1997).

Apesar do fenômeno da delinquência juvenil ser explorado com insistência nos jornais de circulação diária e televisão, ainda é pouco salientado os seus antecedentes. Partindo dessa reflexão, parece ser adequado, ao se pretender explicar as condutas que permeiam a delinquência, considerar os fatores psicossociais, estes podem atuar como explicação da manifestação das condutas anti-sociais e delitivas. Inúmeras variáveis propõem compreender um problema deste porte, porém, o que se pretende neste estudo é assimilar a realidade a partir de outra perspectiva com o objetivo de apresentar mais uma peça de solução para um quebra-cabeça teórico sobre a delinquência tão discutida entre os profissionais que enfatizam a estrutura ou traços de personalidade, a genética, as relações parentais, etc. (FORMIGA, 2005a; FORMIGA, 2005b; PETRAITIS; FLAY; MILLER, 1995).

Estas reflexões devem ser consideradas, uma vez que a conduta juvenil – especificamente, a conduta desviante - não é um fenômeno unidimensional. Não se pode atribuir unicamente causas internas, relativas aos fatores pessoais ou externos, considerando fatores situacionais. Faz-se necessário abordar a problemática da delinquência, chamando atenção para a influência bidirecional dos aspectos psicossociais e da socialização. Afinal parece ser que uma conduta juvenil de desvio dependerá não somente de sua predisposição, mas também, da condição de permissividade que esta possa ser manifestada a partir da negligência dos pares sócio-normativos (FORMIGA, 2005b) ou devido ao espaço psicossocial que é estimulado nos jovens para a busca de sensações intensas e de novidades estabelecendo como coisa de jovem por estarem em fase de desenvolvimento – isto é, na adolescência (FORMIGA; CAVALCANTE; ARAÚJO; LIMA SANTANA, 2007).

Neste contexto, pretende-se enfatizar a relação entre essas condutas desviantes e os padrões convencionais de conduta cultural estabelecido socialmente, os quais, baseados na orientação cultural adotada por cada pessoa, destacando o papel dos atributos dos valores culturais proposto por Triandis (1995; 1996). Esse construto, já considerado por Rokeach (1973; 1979) como de fundamental necessidade na explicação dos comportamentos das pessoas, seria capaz de orientar tanto as escolhas quanto as atitudes humanas. É possível perceber que a grande preocupação frente à conduta social juvenil diz respeito à cultura individual, passando a estigmatizá-la, atualmente, como a CULTURA, destacando sua unicidade hábil-motivacional desenvolvimentista e de condição humano-educacional, excluindo a complexidade e diversidade sócio-humana frente à gestão e formação da conduta socialmente desejável nas relações interpessoais. (FORMIGA, 2004).

Sendo assim, é pertinente considerar os padrões de orientação cultural de *individualismo* e *coletivismo*, uma vez que ao se adotar um ou outro tipo de orientação, o indivíduo irá se comportar de forma coerente a orientação adotada. Por um lado, o *individualismo* expressa uma tendência ao sucesso, a valorizar a própria intimidade e uma necessidade de adequar-se ao contexto social, visando obter recompensas; por outro, o *coletivismo* define uma tendência à cooperação e ao cumprimento com relação

aos demais; internamente, as pessoas com orientação coletivista, mantêm fortes relações entre si, podendo compartilhar os mesmos interesses. (GOUVEIA; CLEMENTE; VIDAL, 1998).

O individualismo e coletivismo são definidos como *síndromes culturais*, consistem em compartilhar atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, sendo os valores dos membros de cada cultura organizados de forma coerente a um tema. (TRIANDIS, 1995; 1996). As pessoas que se orientam por um tipo ou outro de orientação cultural poderá se comportar de maneiras diferentes, seja na forma de se auto-perceber ou de ser percebido nos seus relacionamentos interpessoais. No entanto, deve-se salientar que o individualismo e coletivismo não são necessariamente opostos; como assinalam Sinha e Tripathi (1994), as pessoas são um pouco de cada um, sendo o contexto ou a situação imediata, que vai definir o estilo mais apropriado de comportamento – o tipo de orientação. (TRIANDIS, 1995; TRIANDIS; CHEN; CHAN, 1998). Em todo caso, espera-se que, em cada pessoa predomine uma destas orientações, não se podendo ignorar a possibilidade de coexistência das duas (SCHWARTZ, 1990; SINHA; TRIPATHI, 1994), bem como, sua relação entre esses atributos.

Triandis (1995), ao recuperar a clássica dimensão de poder proposta por Hofstede (1980) que avaliava as dimensões culturais nas organizações empresariais enfatizando o papel do sujeito ou do grupo na dinâmica das sociedades humanas e identifica dois atributos chave para diferenciar os principais tipos de individualismo e coletivismo: *horizontal* e *vertical*. O atributo *horizontal* sugere que as pessoas são similares na maioria dos aspectos, especialmente no *status*. O conceito *vertical* põe ênfase em aceitar a desigualdade e privilegiar a hierarquia; estes atributos se combinam com o individualismo e coletivismo formando quatro tipos de orientação, cada um com uma característica principal que melhor descreve a pessoa que adota cada um destes tipos, a saber: individualismo horizontal - *ser único*; individualismo vertical - *orientado ao êxito*; coletivismo horizontal - *ser cooperativo*; e, coletivismo vertical - *ser servidor*.

Gouveia e Clemente (1998) observam que pessoas com atitudes favoráveis em relação ao êxito (*individualismo vertical*) apresentam uma tendência a ter mais amigos; enquanto o grau das amizades, se superficial ou estável, é definido em função da maior importância atribuída à cooperação e harmonia dentro do grupo (*coletivismo horizontal*). Por exemplo, Formiga (2004), ao considerar essas dimensões culturais e as variáveis do rendimento escolar em jovens, observou que o *auto-conceito de bom estudante* foi explicado, positivamente, pelo atributo cooperador, que colabora; orientado ao êxito, ao triunfo; cumpridor com os demais, servidor; expressivo, amigável e familiar; batalhador, busca sua sobrevivência. Quanto a *média no final do ano*, o atributo cooperador, que colabora; cumpridor com os demais, servidor; orientado ao êxito, ao triunfo relacionou-se positivamente. Em relação às *horas dedicadas ao estudo* se relacionaram com o atributo orientado ao êxito, ao triunfo; cumpridor com os demais, servidor; expressivo, amigável e familiar; batalhador, busca sua sobrevivência.

Considerar estas variáveis – os atributos de individualismo e coletivismo – permite relacionar uma variedade de fatos nas múltiplas facetas da vida social e política (INGLEHART, 1991). Sabendo-se ainda que quando se deseja explicar comportamentos deve-se recorrer às atitudes. Dessa forma, reconhecer a natureza atitudinal destes construtos pode implicar na explicação de alguns comportamentos sociais, neste caso, a conduta desviante entre os jovens. Além dos atributos já mencionados, Triandis (1995) identifica o *protoindividualismo*. Este é importante para caracterizar culturas com desigualdades sociais e econômicas, como no caso do Brasil. Esta dimensão tem como atributo-chave *ser batalhador*. Sugere-se que seja típico das sociedades em que as pessoas realizam suas atividades com independência das demais. Este tipo de individualismo parece ser uma forma de sobreviver, não de se relacionar com outras pessoas (GOUVEIA, 1998).

Não se descarta também a importância que o construto *individualismo expressivo* possa ter neste contexto. Parsons (1959, 1976, citando em GOUVEIA, 1998) o identifica como típico do *hispano-americano*: no âmbito da estrutura social, enfoca uma tendência a dar maior importância aos relacionamentos, principalmente o familiar e o da comunidade local, desestimando as orientações instrumentais. Este tem

como atributo-chave *ser expressivo*. Estas dimensões do individualismo, já foram correlacionadas com outro construto – os valores humanos – em uma pesquisa com uma amostra de brasileiros (GOUVEIA; ANDRADE, 2000; GOUVEIA; ANDRADE; JESUS; MEIRA; FORMIGA, 2002), obtendo resultados satisfatórios, na medida em que se pode conhecer mais sobre os construtos em questão. A partir dessa perspectiva teórica, tem-se como objetivo do presente estudo: 1 - avaliar, inicialmente, a relação convergente entre os atributos do individualismo e coletivismo (considerado como estilo de orientação cultural; 2 – avaliar a relação entre esses atributos – de individualismo e coletivismo – e as condutas anti-sociais e delitivas.

## 2 MÉTODO

Participaram deste estudo 710 sujeitos das escolas públicas (44%) e privadas (56%), de João Pessoa – PB, sendo a maioria do sexo feminino (58%) e média etária de 14,2 anos ( $DP = 1,57$ ). Tal amostra foi não probabilística, e sim do tipo intencional, pois além do propósito de garantir a validade externa de alguns instrumentos da pesquisa, era assegurada a possibilidade de realizar as análises estatísticas que permitissem estabelecer as relações entre as variáveis a serem estudadas.

Os participantes responderam os seguintes questionários:

*Atributos de Individualismo e Coletivismo.* Este instrumento é composto por seis itens que avaliam os atributos que mais caracterizam os sujeitos em relação ao individualismo e coletivismo (por exemplo, *Cooperador, que colabora; Um ser único, diferente dos demais; Orientado ao êxito, ao triunfo*, etc.). Para respondê-lo a pessoa deve ler cada item e indicar o quanto em cada o quanto lhe caracteriza, para isso, era necessário apontar (com um X ou círculo) numa escala do tipo Likert, com os seguintes extremos: **0** = *Nada Característico* e **5** = *Muito Característico*, ao lado dos respectivos atributos. No presente estudo, a fim de garantir sua validade de mensuração e consistência interna, avaliou-se a partir de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e a análise do Modelo de Equação Estrutural (SEM) através do AMOS GRAFICS, versão 7.0, a presente escala.

Considerando os indicadores de ajustes teoricamente designados a escala se mostrou próxima as recomendações apresentadas na literatura (BYRNE, 1989; TABACHNICK; FIDELL, 1996; VAN DE VIJVER; LEUNG, 1997). De acordo com os resultados obtidos nestas análises, o modelo para a *Escala os atributos de individualismo e coletivismo* apresentou os seguintes indicadores de qualidade de ajuste:  $\chi^2/gf$  [admitindo índices até 5] (18,05/9) = 3,01; GFI = 0,99 e AGFI = 0,97 [índices de qualidade de ajuste que medem a variabilidade explicada pelo modelo, com índices aceitáveis a partir de 0,80]; TLI = 0,93, [apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de zero a um, com índice aceitável acima de 0,90]; RMSEA (90%IC) = 0,05 (0,03-0,08) [erro médio aproximado da raiz quadrática, deve apresentar intervalo de confiança como ideal situado entre 0,05 e 0,08], CAIC = 131,58 [compara de forma geral o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório] e ECVI = 0,07 [indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste] (BYRNE, 2001; HAIR; TATHAM; ANDERSON; BLACK, 2005); sendo assim, considerando esses indicadores, o instrumento proposto apresentou garantia de maior confiabilidade fatorial e evidências empíricas para sua aplicação e mensuração no contexto brasileiro.

*Escala de Condutas Anti-sociais e Delitivas.* Este instrumento, proposto por Seisdodos (1988) e validado por Formiga e Gouveia (2003) para o contexto brasileiro, compreende em uma medida comportamental em relação às *Condutas Anti-Sociais e Delitivas*. Tal medida é composta por quarenta elementos, distribuídos em dois fatores, como segue: *condutas anti-sociais*. Seus elementos não expressam delitos, mas comportamentos que desafiam a ordem social e infringem normas sociais (por exemplo, jogar lixo no chão mesmo quando há perto um cesto de lixo; tocar a campainha na casa de alguém e sair correndo); e *condutas delitivas*. Estas incorporam comportamentos delitivos que estão fora da lei, caracterizando uma infração ou uma conduta faltosa e prejudicial a alguém ou mesmo a sociedade como um todo (por exemplo, roubar objetos dos carros; conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas). Para cada

elemento, os participantes deveriam indicar o quanto apresentava o comportamento assinalado no seu dia a dia. Para isso, utilizavam uma escala de resposta com dez pontos, tendo os seguintes extremos: **0** = Nunca e **9** = Sempre.

A presente escala revelou indicadores psicométricos consistentes identificando os fatores destacados acima; para a Conduta Anti-social foi encontrado um Alpha de Cronbach de 0,86 e a Conduta Delitiva ou Delinquente, 0,92. Considerando a Análise Fatorial Confirmatória, realizada com o Lisrel 8.0, comprovou-se essas dimensões previamente encontradas ( $\chi^2/gf = 1,35$ ; AGFI = 0,89; PHI ( $\Phi$ ) = 0,79,  $p > 0,05$ ) na análise dos principais componentes (FORMIGA, 2003; FORMIGA; GOUVEIA, 2003).

*Caracterização Sócio-Demográfica.* Os participantes responderam um conjunto de perguntas sobre característica pessoais (sexo, idade etc.) com a finalidade de caracterizar os respondentes da pesquisa.

Para a aplicação do instrumento, o responsável pela coleta dos dados visitou a coordenação ou diretoria das instituições de ensino, falando diretamente com os diretores e/ou coordenadores para depois tentar a permissão junto aos professores responsáveis de cada disciplina, procurando obter sua autorização para ocupar uma aula e aplicar os questionários. Sendo autorizado, os estudantes foram contatados, expondo sumariamente os objetivos da pesquisa, solicitando sua participação voluntária. Para isso, foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada e que mesmo necessitando uma resposta individual, estes não deveriam se ver obrigados a responder o instrumento podendo desistir a qual momento seja quanto tivesse o instrumento em suas mãos ou ao iniciar sua leitura, ou outro eventual condição. Em qualquer um desses eventos, não haveria problema de sua desistência.

A todos era assegurado o anonimato das suas respostas, enfatizando que elas seriam tratadas em seu conjunto estatisticamente; apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis, não interferindo na lógica e compreensão das respostas dos respondentes. Um único aplicador, previamente treinado, esteve presente em sala de aula, apresentando os instrumentos,

solucionando eventuais dúvidas e conferindo a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes. No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se a versão 15.0 do pacote estatístico *SPSS para Windows*. Foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) e correlações de Pearson. Para realizar a análise fatorial confirmatória a qual permite testar diretamente uma estrutura teórica a que se propõem para *Escala os atributos de individualismo e coletivismo* utilizou-se o programa AMOS 7.0, destinados aos cálculos de modelagem de equações estruturais (SEM).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta e tratamento dos dados da pesquisa, inicialmente, foi realizada uma correlação de Pearson a fim de conhecer a relação convergente da variável principal do presente estudo, a saber: *os atributos de individualismo e coletivismo*. Para tanto, resolveu-se antes de relacionar a variável antecedente e a critério, avaliar a relação interna entre esses atributos; observou-se o seguinte resultado: o atributo *Cooperador, que colabora* apresentou uma relação, positiva, com praticamente todos os outros atributos, menos com o atributo *Um ser único, diferente dos demais*. Por outro lado, este atributo - *um ser único, diferente dos demais* - se relacionou, positivamente, com *Orientado ao êxito, ao triunfo e Batalhador, busca sua sobrevivência*, e negativamente, com *Expressivo, amigável e familiar*. O atributo *Orientado ao êxito, ao triunfo* apresentou escores positivos com *Cumpridor com os demais, servidor*, e como era de se esperar, com *Batalhador, busca sua sobrevivência*. Por fim, *Cumpridor com os demais, servidor* correlacionou-se, positivamente, com *Expressivo, amigável e familiar e Batalhador, busca sua sobrevivência*; todos foram significativos, destacados em negrito na tabela 1.

**Tabela 1:** Correlação interna entre o tipo de orientação cultural em jovens.

<b>Tipo de orientação Cultural</b>	1	2	3	4	5	6
Cooperador, que colabora.	---					
Um ser único, Diferente dos demais	-0,06	---				
Orientado ao êxito, ao triunfo.	<b>0,16*</b>	<b>0,17*</b>	---			
Cumpridor com os demais, servidor.	<b>0,39*</b>	-0,01	<b>0,22*</b>	---		
Expressivo, amigável e familiar	<b>0,25*</b>	<b>-0,18*</b>	0,05	<b>0,35*</b>	---	
Batalhador, busca sua sobrevivência.	<b>0,25*</b>	<b>0,10*</b>	<b>0,23*</b>	<b>0,29**</b>	<b>0,16*</b>	--

**Nota:** \*  $p \leq 0,01$ .

Considerando o objetivo principal do estudo - avaliar a relação entre os atributos de individualismo e coletivismo e as condutas anti-sociais e delitivas - realizou-se uma correlação de Pearson; assim, em relação a conduta anti-social, os tipos de orientação, *Cooperador, que colabora* ( $r = - 0,21$ ), *Cumpridor dos deveres com os demais, servidor* ( $r = - 0,18$ ) e *Expressivo, amigável e familiar* ( $r = - 0,16$ ) relacionaram, negativamente, com as *condutas anti-sociais*; e o tipo *Um ser único, Diferente dos demais* ( $r = 0,11$ ) e *Orientado ao êxito, ao triunfo* ( $r = 0,15$ ) relacionou-se, positivamente, todas as correlações foram significativas a um  $p < 0,01$ ; para o tipo *Batalhador, busca sua sobrevivência* não foi encontrada correlação significativa (ver Tabela 2).

No que diz respeito as *condutas delitivas*, o tipo de orientação *Cooperador, que colabora* ( $r = - 0,10$ ) apresentou uma correlação negativa com ela; e somente para o tipo *Orientado ao êxito, ao triunfo* observou-se correlação positiva ( $r = 0,14$ ). Quanto aos outros tipo de orientação cultural, eles não mostraram correlações significativas. Por fim, em relação as *condutas desviantes* [etiquetadas assim, por serem a pontuação total das condutas anti-sociais e delitivas; podendo ser simbolizada como **CAD**] houve uma relação negativa com o tipo de orientação *Cooperador, que colabora* ( $r = - 0,19$ ), *Cumpridor dos deveres com os demais, servidor* ( $r = - 0,15$ ) e *Expressivo, amigável e familiar* ( $r = - 0,14$ ); já, as correlações positivas, foram encontradas para o tipo *Um ser*

único, Diferente dos demais ( $r = 0,10$ ) e Orientado ao êxito, ao triunfo ( $r = 0,13$ ), todas as correlações foram significativas a um  $p < 0,01$  (ver Tabela 2).

**Tabela 2:** Correlação entre o tipo de orientação cultural e condutas anti-sociais e delitivas em jovens.

Tipo de orientação Cultural	CONDUTAS		
	Anti-Social	Delitiva	Desviantes <sup>#</sup>
Cooperador, que colabora.	-0,21*	-0,10*	-0,19*
Um ser único, Diferente dos demais	0,11*	0,04	0,10*
Orientado ao êxito, ao triunfo.	0,15*	0,14*	0,13*
Cumpridor dos deveres com os demais, servidor.	-0,18*	-0,06	-0,15*
Expressivo, amigável e familiar	-0,16*	-0,04	-0,14*
Batalhador, busca sua sobrevivência	0,04	0,02	0,01

**Nota:** \*  $p \leq 0,01$ ; # CAD = pontuação total das condutas anti-sociais e delitivas.

Encontrada as relações entre as variáveis, tratou-se de realizar uma análise descritiva para frequências das respostas dos sujeitos para as mesmas variáveis. Assim, procurou-se avaliar a variação percentual dos sujeitos entre os tipos de orientação cultural, as condutas desviantes, o gênero e idade. Considerando o cálculo estatístico da *moda* para as escalas estudadas obteve-se um corte dividindo-as em duas partes iguais, tornando as respostas dos sujeitos em extremos na escala tipo *Likert* obtendo assim uma escala de resposta binomial. Desta forma, para as condutas anti-sociais e delitivas resolveu considerar se os jovens teriam *Nunca* = 1 ou *Sempre* = 2 essas condutas; o mesmo foi observado para o tipo de orientação cultural, se o jovem considera como *Nada Característico* = 1 ou *Muito Característico* = 2 nessas orientações.

Sendo assim, em relação ao gênero e a idade, a partir do cálculo de *qui-quadrado* observou-se, respectivamente, em relação à conduta anti-social que os homens (61%) apresentaram maior percentagem do que as mulheres (39%) no que se refere a *sempre* apresentarem essas condutas ( $X^2_1 = 28,53$ ;  $p < 0,01$ ). Na conduta

delitiva, o resultado se inverteu, para 63% das mulheres em comparação a 37% dos homens, *nunca* apresentaram esse tipo de conduta ( $X^2_1 = 47,87$ ;  $p < 0,01$ ). Quanto a idade, os jovens entre 12 e 15 anos tiveram maior percentual (62%) do quanto aqueles jovens acima de 16 anos (39%), em *nunca* apresentarem a conduta anti-social ( $X^2_1 = 11,02$ ;  $p < 0,01$ ); o resultado se repetiu para a conduta delitiva, isto é, os jovens abaixo de 15 anos tiveram maior percentual (64%) do que os jovens acima de 16 no que diz respeito em *nunca* terem apresentado uma conduta delitiva. ( $X^2_1 = 13,17$ ;  $p < 0,01$ ).

Efetou-se semelhante calculo comparando o tipo de orientação cultura com o gênero e a idade. O efeito significativo ocorreu apenas para o tipo *cooperador, que colabora*, onde 59% das mulheres em comparação com 41% dos homens afirmam ser *muito cooperador, que colabora* ( $X^2_1 = 11,32$ ;  $p < 0,01$ ). Em relação a idade, o efeito significativo foi encontrado para o tipo: *um ser único, diferente dos demais*, tendo 77% dos jovens abaixo de 15 anos afirmado *pouco um ser único, diferente dos demais* em comparação com 23% dos jovens acima de 16 anos ( $X^2_1 = 3,99$ ;  $p < 0,05$ ); *orientado ao êxito, ao triunfo*, para o qual 83% dos jovens acima de 15 anos afirma ter *baixa orientação ao êxito* em relação aqueles acima de 16 anos ( $X^2_1 = 9,79$ ;  $p < 0,01$ ); e por fim, para o tipo *cumpridor dos deveres com os demais, servidor*, observou-se que 80% dos jovens acima de 16 anos afirmam ser *pouco cumpridor dos deveres* do que 20% abaixo dos 15 anos ( $X^2_1 = 4,65$ ;  $p < 0,05$ ).

O próximo passo tratou-se de avaliar, a partir do cálculo de *qui-quadrado*, a frequência de respostas dos jovens entre o tipo de orientação cultural e as condutas desviantes; assim, em relação à conduta anti-social, observou-se que para 60% dos jovens que se consideram *muito cooperador, que colabora*, menor é a sua conduta anti-social ( $X^2_1 = 26,96$ ;  $p < 0,05$ ); resultado na mesma direção foi observado para o tipo *cumpridor dos deveres com os demais, servidor*, para 64% dos jovens *muito cumpridor dos deveres*, também, menor foi sua conduta anti-social ( $X^2_1 = 14,53$ ;  $p < 0,05$ ). No que diz respeito a conduta delitiva, para 59% dos jovens que afirma ser *muito cooperador, que colabora* apresentaram menor percentual na conduta delitiva ( $X^2_1 = 15,10$ ;  $p < 0,05$ ), bem como, 63% dos jovens *muito cumpridor dos deveres com os demais, servidor*, também, apresentaram menor conduta delitiva ( $X^2_1 = 11,10$ ;  $p < 0,05$ ).

O presente trabalho pretendeu enfatizar a temática das condutas desviantes em jovens, pretendendo contribuir nas seguintes direções: (1) avaliar a relação interna entre os tipos de orientação cultural – especificamente, atributos de individualismo e coletivismo; (2) conhecer em que medida tais tipos de orientação se correlacionam com as condutas desviantes; e finalmente, (3) conhecer variações percentuais nas respostas dos sujeitos em relação aos tipos de orientação cultural e condutas desviantes. Considerado esses objetivos é possível observar a existência entre os estilos culturais, os quais corroborados. Obviamente, espera-se, de acordo com a teoria, que os sujeitos que apresentem cada tipo de atributo - por consistir em compartilhar atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, sendo os valores dos membros de cada cultura organizada de forma coerente sob um tema - ao se orientarem por um tipo ou outro de orientação cultural poderá se comportar de maneiras diferentes, seja na forma de se auto-perceber ou de ser percebido nos seus relacionamentos interpessoais.

Frente a essa reflexão, esperava-se que o predomínio dos sujeitos em uma das orientações fosse capaz de explicar a conduta desviante entre os jovens. Condição que ocorreu, comprovando a hipótese esperada: aqueles jovens que se orientam por estilos culturais coletivistas – cooperador; cumpridor com os deveres; expressivo e amigável – explicaram negativamente ambas as condutas desviantes; por outro lado, os jovens orientados pelo estilo individualista – um ser único; orientado ao êxito – explicaram positivamente as condutas desviantes (ver tabela 2).

O sujeito predominante numa orientação cultural de individualismo, expressando uma tendência ao sucesso, a valorizar a própria intimidade e uma necessidade de adequar-se ao contexto social apenas para obter recompensas exclusivamente pessoais, provavelmente, poderá apresentar condutas desviantes; o contrário, aquele sujeito que assume uma orientação de coletivismo, isto é, uma tendência à cooperação e ao cumprimento com relação aos demais e que mantêm fortes relações entre si, podendo compartilhar os mesmos interesses poderá não manifestar condutas desviantes. Condição essa observada nas avaliações descritivas, a partir de um qui-quadrado, entre os tipos de orientação e as condutas desviantes. Aqueles que

apresentaram maior percentagem nas orientações coletivistas apresentaram uma menor pontuação nas condutas desviantes.

Obviamente, não se quer com esse estudo responder a todos os problemas relacionados às condutas desviantes; espera-se apresentar mais uma peça no quebra-cabeça do fenômeno da delinquência, a qual está embasada nos processos de condutas comuns entre as pessoas com quem se convive psicossocialmente transmitindo comportamentos socialmente desejáveis. Porém, esse estudo busca refletir na seguinte direção no que diz respeito a conduta juvenil desviante: sair do aspecto sócio-demográfico da delinquência e adentrar os aspectos da mudança cultural que vivemos nos últimos anos. Isto é, a super valorização do individualismo justificado sobre o estigma de liberdade e democracia, como se esta não estivesse, também, imbuída de normas e considerações em relação ao respeito e direito das outras pessoas em não serem lesadas psicológica e socialmente.

Atualmente, é destaque a valorização e investimento nas condutas de risco, as quais não somente podem ser experimentados nos mais diferentes espaços sociais, bem como, recebem apoio (seja de forma permitindo que aja na forma do risco, seja fingindo que nada está acontecendo) até de quem deveria inibir e orientar esse tipo de conduta entre os jovens (por exemplo, os pares sócio-normativos: pais e professores). Assim, a conduta desviante aqui abordada não apenas pretende compreender uma parte da chamada violência, mas também, identificar outros construtos que compõem esse fenômeno e que seja capaz de apontar para uma relação convergente entre seus componentes (agressão, uso de drogas, etc.).

Ao invés de contemplar a violência como uma dimensão unifatorial, enfatiza-se sua compreensão a partir da observação das partes da violência, por exemplo: intervir nas condutas desviantes entre os jovens é possível amenize, ou até inibir, a gravidade da violência juvenil. Considerando esses resultados, parece evidente que as condutas desviantes são um reflexo da dissolução ou fraqueza dos limites convencionais, especificamente, em relação à falta de comprometimento com a sociedade convencional, seus valores e suas instituições e forças socializadores; e o pior, que tudo isso, inclui-se na dinâmica cultural de uma sociedade, seja na transmissão

intrapessoal – especificamente entre pais e filhos – seja interpessoal – entre os pares de iguais, mídia, etc., capaz de contemplar o conceito de Triandis (1995; 1996): atribuído ao compartilhamento de atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, capaz de orientar as pessoas por um ou outro tipo de orientação cultural e que a partir de cada orientação – coletivista ou individualista - comportar-se de maneiras diferentes para si mesmo ou para o outro.

Partindo desses resultados, caberia igualmente estimular um traço de conduta que já é característico dos brasileiros: o coletivismo (TRIANDIS, 1995). A tendência a considerar a opinião dos demais, principalmente daqueles do grupo de pertença, pode ter implicações negativas quando os membros deste grupo são delinquentes ou apresentam comportamentos não desejados socialmente. Por outro lado, os resultados deste estudo apontam a um aspecto positivo desta orientação social: as pessoas que se identificam com os grupos tradicionais na sociedade são também menos propensas a apresentar indícios de *condutas anti-sociais e condutas delitivas*.

Estimular na família ou na escola a harmonia no convívio com os demais, acentuar a importância do outro e a necessidade de se compartilhar temas do cotidiano pode ser um fator de proteção contra o envolvimento em condutas desta natureza. Neste sentido, educar em valores *interacionais* poderia ter consequências favoráveis na resolução deste problema que aflige pais e professores de todas as classes sociais (Formiga, 2002). No entanto, deve-se salientar que o individualismo e coletivismo não são necessariamente opostos, como assinalam Sinha e Tripathi (1994). Sendo um pouco de cada um, o contexto ou a situação imediata é que vai definir o estilo mais apropriado de comportamento – o tipo de orientação (TRIANDIS, 1995; TRIANDIS; CHEN; CHAN, 1998).

Em todo caso, espera-se que, em cada pessoa, predomine uma destas orientações, não se podendo ignorar a possibilidade de coexistência das duas (SCHWARTZ, 1990; SINHA; TRIPATHI, 1994), bem como, sua relação entre os atributos. Em resumo, há mais de uma década a delinquência vem sendo um tema que interessa a pesquisadores brasileiros. Procurou-se indicar anteriormente alguma possibilidade com o presente estudo, mas obviamente, não esgotam o campo de

estudo. Novas medidas de condutas anti-sociais e delitivas, a inclusão de variáveis não testadas previamente e o desenvolvimento de delineamentos e técnicas de pesquisa alternativas deveriam entusiasmar os que desejam adentra esse tema.

## REFERÊNCIAS

AGUERO, A. J. El transtorno de conducta en la infancia como precursor del trastorno antisocial del adulto. Estudios de seguimiento a medio y largo plazo. Necesidad de programas preventivos. **Revista Electrónica de Psiquiatria**, v. 2, p. 1-9, 1998.

BENGOA, J. **Exclusión, droga y delincuencia**. (1996). Disponível em: <<http://www.congresso.cl/biblioteca/estudios/violencia>>. Acesso em: 15 de Abr. 2009

BORN, M. As abordagens comportamentais e cognitivas na educação dos jovens com comportamento agressivo. In: LEPOT-FROMENT, C. (Org.), **Educação especializada: pesquisas e indicações para uma ação**. São Paulo: EDUSC, 1999.

BYRNE, B. M. **A primer of LISREL: basic applications and programming for confirmatory factor analytic models**. New York: Springer-Verlag. 1989.

DONOHEW, R. L.; HOYLE, R. H.; CLAYTON, R. R.; SKINNER, W. F.; COLON, S. E.; RICE, R. E. Sensation seeking and drug use by adolescents and their friends: models for marijuana and alcohol. **Journal Study of Alcohol**, v. 60, p. 622-631, 1999.

ELZO, J. I. **Materiales para estudio y prevención de la violencia juvenil**. (1999) Disponível em: <[http://www.fad.es/sala\\_lectura/CongresoViolencia.pdf](http://www.fad.es/sala_lectura/CongresoViolencia.pdf)>. Acesso em: 15 de Mar. 2008.

FORMIGA, N. S. Condutas anti-sociais e delitivas e relações familiares em duas áreas urbanas na cidade de Palmas-TO. **Aletheia**, n.22, p.63-70. 2005b

FORMIGA, N. S. **Condutas anti-sociais e delitivas: Uma explicação em termos dos valores humanos**. 2000. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2000.

FORMIGA, N. S. Fidedignidade da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. **Psicologia Estudo**, v.8, n.2, p.133-138, 2003.

FORMIGA, N. S. O tipo de orientação cultural e sua influência sobre os indicadores do rendimento escolar. **Psicologia. Teoria e Prática**, v. 16, n. 1, p. 13-29, 2004.

FORMIGA, N. S.. Comprovando a hipótese do compromisso convencional: influência dos pares sócio-normativos sobre as condutas desviantes em jovens. **Psicologia: Ciência e profissão**, v.25, n.4, p.602-613, 2005a.

FORMIGA, N. S. et al. Comportamento agressivo e busca de sensação em jovens. **Psicologia Argumento**, v. 25, n. 50, p. 291-304, 2007.

FORMIGA, N. S.; GOUVEIA, V. V. Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. **Revista Psico**, v. 34, n. 2, p. 367-388, 2003.

FORMIGA, N. S.; GOUVEIA, V. V. Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. **Psicologia - Teoria e Prática**, n. 7, v. 2, p. 134-170, 2005.

FORMIGA, N. S.; YEPES, C.; ALVES, I. Descritores da orientação cultural e condutas juvenis: Correlatos dos atributos do individualismo e coletivismo e condutas anti-sociais e delitivas em jovens brasileiros In: **IV Congresso Científico e V Jornada de Iniciação Científica CEULP-ULBRA**, Palmas - TO. Resumos. 2005.

GATTAZ, W. F. Violência e doença mental: Fato ou ficção? **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 25, p. 145-147, 1998.

GOUVEIA, V. V. et al. Escala Multifatorial de Individualismo e Coletivismo: Elaboração e Validação de Construto. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 203-212, 2002.

GOUVEIA, V. V.; CLEMENTE, M.; VIDAL, M.A. España desde dentro: el individualismo y el colectivismo como rasgos diferenciadores de las comunidades autónomas. **Sociedade y Utopia**, v. 11, p. 168-179, 1998.

GOUVEIA, V.V. **La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural**. Tese (Doutorado). Facultad de Psicología, Universidad Complutense de Madrid, Espanha. 1998.

GOUVEIA, V. V.; ANDRADE, J. M. Dimensões valorativas dos construtos individualismo e coletivismo. **Relatório final de atividades do PIBIC não publicada**. Universidade Federal da Paraíba, 2000.

GULLONE, E.; MOORE, S. Adolescent risk-taking and the five-factor model of personality. **Journal of Adolescent**, v. 26, p. 393-407, 2000.

HAIR, J. F.; TATHAM, R. L.; ANDERSON, R. E.; BLACK, W. **Análise Multivariada de Dados**. Porto Alegre: Bookman. 2005.

HOFSTEDE, G. **Culture's consequences**. Beverly Hills, CA: Sage. 1980.

INGLEHART, R. **El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas ;Siglo XXI Editores. 1991.

LIPOVETSKY, G. **La era del vacío: Ensayos sobre el individualismo contemporáneo**. Barcelona: Editorial Anagrama. 1986.

LUMMERTZ, J. G. Adolescência: Algumas reflexões. **Tempo e Ciência**, v. 1, p. 7-11, 1997.

- MINAYO, M. C. S. et all. **Fala galera: Juventude, violência e cidadania na cidade o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- PETRAITIS, J., FLAY, B. R. E MILLER, T. Q. Reviewing theories of adolescent substance use: Organizing pieces in the puzzle. **Psychological Bulletin**, v. 117, p. 67-86, 1995.
- PINO, A. Violência, educação e sociedade: Um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação & sociedade**, v. 28, n. 100, p. 763-785, 2007.
- ROKEACH, M. Introduction. **Understanding human values: Individual and societal**. New York: The Free Press. 1979. p. 1-11.
- ROKEACH, M. **The nature of human values**. New York: The Free Press. 1973.
- ROMERO, E.; SOBRAL, J.; LUENGO, M. A; MARZOA, J. A. Values and antisocial behavior among Spanish adolescents. **The Journal of Genetic Psychology**, v. 162, p. 20-40, 2001.
- SCHWARTZ, S. H. Individualism-collectivism: Critique and proposed refinements. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 21, p. 139-157, 1990.
- SEISDEDOS, N. C. **Cuestionario A – D de conductas antisociais – delictivas**. Madri: TEA. 1988.
- SINHA, D. & TRIPATHI, R.C. Individualism in a collectivist culture: A case of coexistence of opposites. In: KIM, U.; TRIANDIS, H.C.; KAGITÇIBASI, Ç.; CHOI & G. YOON, S.-C. (Eds.). **Individualism and collectivism: Theory, method, and applications**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 1994. p. 123-136.
- TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. **Using multivariate statistics**. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon. 1996.
- TORRENTE H. G.; RODRÍGUEZ G. Á. Precedentes sociofamiliares de la conducta antisocial. In: BERNAL, A. O.; JIMÉNEZ & P. V.I ELIAS, M. V. M. (Eds.), **Aplicaciones en psicología social**. Madri: Biblioteca Nueva. 2000. p. 197-202.
- TRIANDIS, H. C. The psychological measurement of cultural syndromes. **American Psychologist**, v. 51, p. 407-415, 1996.
- TRIANDIS, H.C. **Individualism and collectivism**. Boulder, CO: Westview Press. 1995.

TRIANDIS, H.C., CHEN, X.P.; CHAN, D. K. S. Scenarios for the measurement of collectivism and individualism. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 29, p. 275-289, 1998.

URRA, J. Adolescência y violencia, topicos y realidades. **Revista Estudos de Juventud**, v. 62, n. 3, p. 11-44, 2003.

VAN DE VIJVER, F.; LEUNG, K. **Methods and data analysis for cross-cultural research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1997.

VERMEIREN, R.; DE CLIPPELE, A; DEBOUTTE, D. A descriptive survey of Flemish delinquent adolescents. **Journal of Adolescence**, v. 23, p. 277-285, 2000.

Artigo:

Recebido em: 23/07/2009

Aceito em: 22/10/2009